

MC
"ESTADO DE MINAS"

21.06.78

Os enfermeiros contra os

S
mitos de sua profissãõ

A imagem que você faz do enfermeiro corresponde à realidade? Você ainda acredita, por exemplo, que ser enfermeiro é abrir mão do mundo exterior e viver exclusivamente para a profissão e que todo enfermeiro é como uma "irmã de caridade?"

Para responder a estas perguntas e dar uma visão geral da profissão, três enfermeiros da Faculdade de Enfermagem da UFMG — Isaltina, Márcia e Túlio — que dia 22 de junho comemora seu 45.º aniversário — foram entrevistados, por indicação da diretoria da Faculdade, Maria Noemi Ferreira Ribeiro.

Participação

Isaltina Goulart de Azevedo formou-se em Enfermagem em 1950 e em Filosofia em 1955. Ainda em 1950, começou a lecionar na Escola de Enfermagem onde até hoje trabalha em regime de dedicação exclusiva. Ao falar do sentido existencial da profissão, Isaltina cita Gabriel Marcel: "A existência humana tem um fim dirigido. A tarefa, especificamente humana, à qual cada um de nós deve enfrentar, é passar da existência, passivamente recebida, ao ser, o qual a liberdade humana deve conquistar. Essa passagem é efetuada através do compromisso".

Já usando suas próprias convicções, Isaltina completa: "E compromisso é a plena e lúcida aceitação daquela parte que lhe cabe na vida com seu amor dado e recebido, suas esperanças e decepções, suas alegrias e suas dores. É a aceitação da responsabilidade total de suas ações; e assumir os riscos e enfrentar o perigo.

Sobre a aceitação desta responsabilidade total, a professora explica o que seriam as responsabilidades fundamentais de um enfermeiro: "Prestar assistência de enfermagem ao indivíduo, à família e à comunidade, em situações que requerem medidas relacionadas com a promoção, proteção e recuperação da saúde, prevenção de doenças, reabilitação de incapacitados, alívio do sofrimento e promoção do ambiente terapêutico, levando em consideração o diagnóstico e o plano de tratamento médico e de enfermagem".

E é exercendo suas atividades e cumprindo estas responsabilidades, que o dia-a-dia de um enfermeiro varia de acordo com o cargo que ele ocupa. Segundo Isaltina, o enfermeiro pode estar encarregado de serviço de enfermagem, de um hospital, de um serviço de tratamento intensivo, de uma área de cuidados intermediários, de um ambulatório, de um Centro de Saúde, ou fazer parte de uma equipe de planejamento de serviços de Saúde Pública. "Ele apenas tem que se dar por inteiro às responsabilidades assumidas se quiser conquistar o respeito dos colegas de trabalho ou daqueles pelos quais está responsável".

Relacionamento

Sobre o relacionamento do enfermeiro com o paciente, Isaltina explicou que existe um envolvimento emocional enfermeiro-paciente sempre que há uma situação dramática, ou seja, situação de um paciente em crise. "O enfermeiro pode e deve participar do sofrimento da paciente, tirando dele a sensação de solidão no drama em que ele está envolvido e não há nenhuma restrição a isso, desde que a situação o reclame ou justifique. É o chamado uso terapêutico do eu. Nós, enfermeiros, podemos considerar a enfermagem como um problema ou podemos olhá-la como um "mistério"; neste último caso, estaremos imersos na situação e nas palavras de Marcel ao paciente: "A pessoa que está ao meu dispor é aquela que é capaz de ficar comigo na totalidade de seu ser, quando eu necessito; ao passo que aquela que não está ao meu dispor, parece apenas oferecer-me um empréstimo temporário de seus recursos.

Para a primeira sou uma presença, para a segunda sou um objeto”.

Para Isaltina, a vida de um enfermeiro não é sacrificada com tanta gente diz, pois “não há sacrifício quando se escolhe livremente uma profissão, e quando se mergulha nela com toda a nossa capacidade de amor ao trabalho”.

Isaltina lembrou ainda os problemas que o enfermeiro enfrenta atualmente: “O desconhecimento por parte da sociedade sobre o que seja o profissional, ou seja, a confusão que se faz com todo o pessoal que atua na área de saúde; outro problema é das empresas particulares que dão preferência à mão-de-obra de menor custo”.

E o que afinal se passa dentro de uma pessoa, que a leva a escolher esta ou aquela profissão? Para Isaltina, o que a levou a fazer o curso “foi o desejo de agradecer os benefícios que tenho recebido da humanidade; foi o desejo de participar do sofrimento humano, de conhecê-lo de perto, de contribuir para aliviá-lo; foi um mergulho no drama e no mistério do ser humano”.

O aniversário

A Escola de Enfermagem da UFMG foi criada pelo decreto n.º 10.952 de 7 de julho de 1933, do então governador Olegário Maciel, subordinada à Secretaria de Educação e Saúde Pública da época. Em 1950, a escola foi incorporada à Faculdade de Medicina pela Lei n.º 1.254, pois, para que a Faculdade de Medicina pudesse concluir seu processo de federalização, era necessário que ela tivesse uma escola de Enfermagem anexa. Até que, em 28 de fevereiro de 1963, pela Lei n.º 63.317, do Plano de Reestruturação da Universidade Federal de Minas Gerais, a Escola de Enfermagem se tornou uma unidade autônoma.

No princípio, conforme consta de documento de 1933, a escola tinha por objetivo “ministrar o ensino técnico e profissional da arte de enfermagem, compreendendo todos os cursos necessários à formação de enfermeiras gerais e especializadas, hospitalares e da saúde pú-

blica etc; ministrar o ensino técnico necessário ao desempenho da função de auxiliar de enfermagem; manter cursos especiais de aperfeiçoamento da arte de enfermagem, destinados a religiosas que trabalham em hospitais e gozam das regalias do decreto 22.257, bem assim curso anexo intensivo, complementar de educação secundária, destinado a normalistas e professoras; manter cursos facultativos de especialização, destinados a enfermeiras diplomadas que desejam dedicar-se especialmente a determinados ramos da arte de Enfermagem etc.”.

Hoje, 45 anos depois, os objetivos da escola já são bem diferentes, não mais discriminando a profissão só para as mulheres e não mais restringindo o conceito “arte” à profissão de enfermagem. Hoje, o objetivo geral da escola é o de “promover o ensino, a pesquisa e a extensão de enfermagem, contribuindo para a saúde da comunidade, em consequência aos objetivos da UFMG”.

Quanto ao curso de Enfermagem Geral, a escola tem por objetivo: “Situar a enfermagem frente às necessidades básicas do ser humano; diagnosticar as necessidades de saúde do indivíduo, família e comunidade, atuando como membro da equipe de saúde; desenvolver o processo de enfermagem; atuar como educador; administrar unidades de enfermagem e ambulatórios; atuar como líder da equipe de enfermagem; atuar como profissional consciente e independente, tendo em vista a promoção das mudanças desejáveis em situações concretas de trabalho”.

Trabalho

Depois de atingidos os objetivos, depois de os alunos se formarem, eles começam a trabalhar. Mas como será o mercado de trabalho para eles? Segundo Isaltina, “o mercado de trabalho para o enfermeiro não tem muita competição uma vez que o número de profissionais é muito inferior às necessidades do País. O salário, como em outras profissões, varia de acordo com as empresas e com o cargo que o enfermeiro ocupa. Nos

órgãos governamentais, o salário do enfermeiro varia de oito a vinte mil cruzeiros. Na carreira de magistério a situação é a mesma das outras profissões. Tudo depende da capacidade que o profissional vai adquirindo no exercício da profissão. Algumas empresas oferecem salários muitas vezes ridículos aos enfermeiros, mas duvidamos que sejam aceitos por profissionais graduados e conscientes de seu valor”.

Segundo a diretora da escola, Maria Noemi, as vagas para o vestibular de Enfermagem têm aumentado bastante, “devido à necessidade no mercado de trabalho, ao maior conhecimento e melhor divulgação do que seja a profissão. Desde 1972 a escola tem mantido 80 vagas, sendo que, neste ano, a média foi de sete candidatos para uma vaga”.

Ela explicou que no Brasil há um déficit de enfermeiras, sendo que em todo País existem apenas 11 mil enfermeiros registrados no Conselho Federal de Enfermagem, quando a necessidade real do País seria de 40 mil enfermeiros. Conforme o padrão definido pela Organização Pan Americana de Saúde, em reunião realizada no Chile em 1972, o Brasil deveria ter 56.250 enfermeiros até 1980, o que corresponderia a 4,5 enfermeiros para 10 mil habitantes.

Maria Noemi disse que, “nos últimos anos, o governo tem aumentado o número de escolas, formando atualmente mil enfermeiros no País, que é ainda insatisfatória”. Com o 45.º aniversário da escola, a diretora pretende divulgar e valorizar a profissão, através do trabalho de extensão dentro da própria Universidade e na comunidade.

Diferenças

Ela disse que esta divulgação é necessária para que as pessoas tomem conhecimento da profissão. “As pessoas costumam chamar de enfermeiro a qualquer pessoa que esteja trabalhando em hospital e que não seja o médico. É preciso ficar claro que existem três categorias, com as respectivas atribuições: 1. Enfermeiro, de nível superior: faz o diagnóstico de Enfermagem, planejam-

to, execução e avaliação os cuidados; planeja, executa e avalia os programas de Saúde Pública; administra os Serviços de Enfermagem em estabelecimentos hospitalares, para-hospitalares e de Saúde Pública; chefia unidade de Enfermagem Hospitalar e de Saúde Pública; lidera a equipe de Enfermagem; ensina e dirige escolas nos três níveis; compõe comissões para verificação de funcionamento e reconhecimento de escolas nos três níveis; compõe bancas examinadoras para concurso de Enfermagem; participa em Conselho de Saúde, de Educação e outros. 2. Técnico de Enfermagem de nível médio: participa no planejamento e execução os cuidados integrais de Enfermagem; executa programas de Saúde Pública; chefia unidades de Enfermagem Hospitalar que não sejam outro de ensino; colabora no programa de educação em serviço para atendente. 3. Auxiliar de Enfermagem: executa os cuidados de higiene, conforto e tratamento simples aos pacientes hospitalizados; coopera com o enfermeiro técnico nos cuidados integrais de Enfermagem preparo de material e equipamento; interpretação de rotina e exame complementares para paciente e familiares; execução de tratamentos predeterminados, preparo e assistência ao paciente no exame médico nas unidades sanitárias.

Envolvimento

"Quando eu estou no hospital, trabalhando, esqueço do resto do mundo. Pra mim, só existe meu trabalho". Esta é a declaração de Márcia Cavalcante Steiner, formada em 1976 e que, hoje, leciona na Escola de Enfermagem e trabalha em enfermagem materno-infantil, na Maternidade da Cruz Vermelha. Para ela, o envolvimento emocional com o paciente cria uma relação recíproca: "A gente se dá e recebe muito de volta".

Ela lembra um caso que a emocionou bastante, quando uma mãe solteira e sem recursos, já saindo do hospital, ia dar o seu filho para ser adotado por outra pessoa. De longe, Márcia assistiu à cena e, quando percebeu o que se passava, resolveu intervir. Com jeito e carinho, ela acabou convencendo à mãe, que desde o princípio relutava, a ficar com o bebê.

Ela se lembra também de outro caso

de consciência do que é a profissão, que começa a ser bem aceita e respeitada.

Túlio diz que o campo de trabalho para a enfermagem é muito vasto, "pois um enfermeiro pode dar aulas, trabalhar em saúde pública, em educação comunitária, em instituições, em fábricas fazendo enfermagem do trabalho, além do campo curativo, trabalhando em hospitais".

Túlio lembra que os mitos da enfermagem estão mudando: "Hoje, aquela imagem do enfermeiro, irmã de caridade, já está acabando. Acreditava-se que, para ser enfermeiro, a pessoa tinha que se afastar do mundo e se dedicar exclusivamente à profissão, esquecendo-se da própria condição humana do enfermeiro. Isto pode ser explicado através das origens da enfermagem, que estão ligadas à religiosidade, quando esta entrega estava inserida aos moldes da vida religiosa".

Túlio acha que "a mentalidade hoje é outra. Sei que o apoio espiritual ao paciente é muito importante, tanto quanto o apoio emocional e psicológico, como também o apoio às suas necessidades básicas.

Mas enfermagem não é sacerdócio. E este excesso de maternalismo e de religiosidade não é positivo para o paciente. Segundo as correntes atuais da enfermagem, o enfermeiro deve liberar o paciente para o autocuidado; se mantemos os excessos de cuidados, só estaremos atrapalhando o desenvolvimento deste autocuidado. Além do mais, o excesso de maternalismo e proteção acomoda o paciente à sua doença. Qualquer apoio que tivermos que dar, deve ser feito à medida que o próprio paciente o cobre e não imposto por nós. Hoje, enfermagem é ciência, é pesquisa, é estudo. E é com grande alegria que cada vez mais a gente vê profissionais se dedicando a esta área da enfermagem".

Túlio lembrou também o outro mito da profissão: é uma profissão para mulheres. Ele explica que, "realmente, existem mais mulheres na profissão, pois de acordo com as origens, a profissão estaria ligada a uma atividade essencialmente feminina, pois era exercida só quase que por irmãs de caridade. O inverso acontece em outras áreas como Engenharia, onde só existiam homens. Agora a situação está mudando, pois o importante é que a opção seja consciente não importando o sexo das

Ela se lembra também de outro caso, quando um rapaz tentou o suicídio com soda cáustica e teve que passar por várias operações. "Ele estava tão revoltado, que era difícil chegar perto até para aplicar injeção. Aos poucos, porém, fui chegando devagar e acabou que eu me apeguei muito a ele e ele a mim".

Para ela, existe um problema que ocorre, algumas vezes, dentro dos hospitais: "São com os médicos que não respeitam e não valorizam o trabalho e a profissão do enfermeiro. Mas isto, às vezes, é culpa do próprio enfermeiro, que não se impõe e não faz com que seu trabalho seja respeitado. O respeito se cria na medida em que a gente se impõe e mostra nosso trabalho e nossa capacidade".

Márcia não acha que vida de enfermeiro é sacrificada: "Para mim é um trabalho natural, que eu faço com espontaneidade. Não acho que tiro nada de mim me prejudicando para ser enfermeira. Para mim, ser enfermeira é estar com o paciente, dar assistência em todas as situações que ele precisar".

Reabilitação

Ainda não formado, mas já trabalha com Túlio Alberto, do 6.º ciclo da Faculdade de Enfermagem, diz que "enfermagem é essencialmente ciência, promovendo o bem-estar do indivíduo, reabilitando-o na sociedade e, mais importante ainda, prevenindo doenças". Acrescentou que só agora as pessoas estão toman-

do consciência, não importando o sexo das pessoas, mas sim que são seres humanos desempenhando papéis na sua área de atuação".

Túlio, que pretende se especializar na área cirúrgica, trabalha hoje em clínica médica, isto é, com pessoas que vão ser operadas, por exemplo. Segundo ele, "é muito gratificante, pois implica em dar apoio emocional ao paciente, fazendo com que ele se conscientize da dor que vai sentir e que esta dor é um mal passageiro. Com este apoio, o paciente reage bem melhor".

A festa

A solenidade oficial para comemorar o 45.º aniversário da Escola de Enfermagem da UFMG, será dia 21 de junho às 16h, no prédio do "campus" de Saúde, à av. Alfredo Balena, com as seguintes solenidades: apresentação do Quarteto de Metais da Escola de Música da UFMG, sob a coordenação do professor Dolarino Pereira da Rocha; palestra sobre "A Enfermagem no Brasil", pela enfermeira Waleska Paixão; homenagem a funcionários e professores que contribuíram para o desenvolvimento da Escola de Enfermagem da UFMG.

Durante o ano, a escola pretende promover outras atividades, em comemoração ao seu aniversário. Para os dias 11, 12 e 13 de cada I Jornada Mineira de Enfermagem, e, para dezembro, está programado o lançamento do livro "História da Escola de Enfermagem da UFMG", escrito pela professora Isaltina Goulart de Azevedo.



Enfermagem: a profissão, hoje, oferece excelentes perspectivas. Aos poucos, terminam os mitos românticos

Os perigos do frio exigem um maior cuidado com as crianças

“Com a chegada do inverno, as mães devem ter cuidado redobrado com as infecções de garganta dos seus filhos. O clima úmido e frio é extremamente propício ao desenvolvimento da febre reumática, causada pelo germe “estreptococo”, muito frequente nas amigdalites e faringites da infância. A febre reumática, ou reumatismo infeccioso, tem como consequência mais grave a lesão cardíaca, que, uma vez instalada, é irreversível”. O alerta é do médico Artur César Rocha, professor de pediatria da universidade Gama Filho, ao proferir uma palestra sobre o tema no posto de assistência Médica São Francisco Xavier, do Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social, no Rio de Janeiro.

Segundo o chefe do serviço de Pediatria do Posto S. Francisco Xavier, Newton Pereira, cerca de 100 casos de febre reumática são registrados mensalmente no posto e, na maior parte deles, a mãe desconhece a existência da doença em seu filho. “Diante de qualquer infecção da garganta, o mais indicado é que se consulte imediatamente o médico, e nunca procurar curá-la com remédios caseiros,

principalmente na faixa etária dos 4 aos 15 anos, quando pode haver o desenvolvimento da febre”.

“A febre reumática lambes as articulações e mata o coração”. Esta frase é muito comum entre os médicos pediatras, e retrata bem os perigos da doença, quando não tratada imediatamente. As estatísticas revelam que 3 por cento das infecções estreptocócicas causam a febre reumática, sendo que, quanto mais tempo uma criança permanecer com a infecção, sem tratá-la, maior é a possibilidade do surgimento do reumatismo infeccioso.

Segundo o chefe de Pediatria do Posto São Francisco Xavier, a doença se manifesta sob três formas: artrite tipo migratório afetando sucessivamente diversas articulações ósseas), articular e cardíaca (causando a doença conhecida como “Coréia”, cujo sintoma é o descontrole motor da criança.

A febre reumática nem sempre se manifesta com dores agudas nas juntas e este fato, segundo o médico Artur Rocha, é mais um motivo para que as mães não deixem de procurar o médico em caso de infecções na garganta de seus filhos. “Muitas

vezes”, disse ele, “a lesão cardíaca só é constatada quando o jovem vai prestar serviço militar, pois nem sempre o reumatismo infeccioso foi manifestado de maneira aguda e a doença passou despercebida aos pais”.

O diagnóstico precoce da doença é feito através do eletroencefalograma e da prova de atividade reumática (exame de sangue). Se constatado o reumatismo infeccioso, o tratamento é feito com medicamentos à base de penicilina e cortisona.

A Coréia é, das manifestações da doença, a mais rara. A febre reumática, embora mais frequente nos países de clima frio (nos Estados Unidos causa uma média de 3 milhões de incapacitados por ano), aumenta sua incidência no Brasil durante o inverno.

Segundo o pediatra Artur Rocha, a doença parece estar ligada a fatores genéticos, pois é comum a existência de vários casos em uma mesma família. Parece ainda relacionar-se a fatores étnicos, segundo ele. Um exemplo dessa probabilidade é sua baixa incidência em crianças de cor negra.